

Entrevista com “Flagelo Urbano”

ENTREVISTADOR: LUAN ALVES

Mini Biografia:

Flagelo Urbano também conhecido como N`gola Sambala é Rapper, produtor, poeta, ativista, entusiasta nas áreas da teoria da música e da engenharia do som, nascido aos 6 de outubro de 1982, na província do Huambo, Angola. É formado em Direito, mestrando em Direito tributário, Pós-Graduando em Direito Fiscal, Advogado Estagiário, consultor e pesquisador de história, literatura e filosofias africanas.

Há mais de 20 anos na estrada, é autor de três obras, um Ep, intitulado *entre o tempo e a memória*, editado em 2009, o álbum de originais, lançado em 2015, que tem como título *o Ermo*, e outro Ep editado em março de 2019 intitulado *Do Sião á Medina*, todos gravados e editados pela sua produtora Zoológiko Produsons e Rudimental Medina

Tem no seu repertório colaborações e produções para artistas como Kid MC, MCK, Sanguinário, Keita Mayanda, Ikonoklasta (Luaty Beirão), Leonardo Wawuti, Pensólogo e muitos outros nomes da cena alternativa do Rap Angolano. Neste momento encontra-se em estúdio a finalizar as gravações do seu segundo álbum de originais que se irá chamar *Desvio Padrão*, a ser editado em 2021.

1. Conhecendo o Artista:

Pergunta: Quem é o Flagelo Urbano? Da onde veio esse nome?

Resposta: Flagelo Urbano é o artista por trás da pessoa do Osvaldo Daniel, nascido na década de oitenta, na província do Huambo, no sul de Angola. Podemos enxergar o nome Flagelo Urbano sob três perspectivas. Uma sociológica, outra biológica e uma última política.

Do ponto de vista sociológico o termo Flagelo designa calamidade, o que provoca grande tragédia social, política e econômica. Do ponto de vista biológico é um filamento de função importante para a movimentação de várias células e ao trazer para a política o termo designa eu concebo o termo como algo que inquieta os políticos, como, por exemplo, a minha música, que é um instrumento de luta e emancipação dos povos oprimidos. Concluindo, Flagelo quer dizer a voz dos que não têm voz. Eu sou a filamento (Biologia) que dá movimento (Voz) à várias células (Povo) contra as injustiças sociais. (Política).

Pergunta: Qual sua área de formação e a sua rotina de trabalhos entre a música e as demais atividades?

Resposta: Eu sou formado em Direito, mestrando em Direito tributário, Pós-Graduando em Direito Fiscal e Advogado Estagiário.

Pergunta: Como a sua formação acadêmica influencia em seu trabalho como rapper?

Resposta: A minha formação desempenha um papel de extrema importância, porque num país como o nosso em que se luta todos os dias contra as desigualdades sociais, corrupção, repressão do estado contra manifestantes, violação dos mais elementares direitos e liberdades fundamentais, ajuda-me a ter noção de quais são os meus deveres, e quais os meus direitos e a encontrar os meios mais adequados para a sua salvaguarda. O poder teme pessoas conscientes da realidade do seu país. Quanto mais consciente mais perigoso tu és, e te tornas numa ameaça eminente, e conseqüentemente o receio em violar os teus direitos e liberdade é maior. Daí a necessidade de se manter cada vez mais informado. Essa noção é fundamental, pois a transmito na minha música de forma a que possa despertar outros, para a necessidade de se buscar a lucidez necessária para lidar com o sistema.

Pergunta: Sabendo que Angola é um país em que os ataques a liberdade afligem os ativistas e as pessoas em sua volta, você recebe algum apoio e/ou incentivo da família e/ou amigos para seguir como artista na missão de uma reconstrução social?

Resposta: No princípio foi mais difícil. As pessoas não queriam estar perto de uma artista “revolucionário”. De um artista que faz rap político e, que muitas vezes critica o sistema. A minha família já se opôs bastante, inclusive tive que abandonar um programa de rádio que fazia com o MCK. Quase todos artistas em Angola, que fazem esse tipo de música já passaram por isso. A família, principalmente os mais velhos têm ainda viva as memórias das repressões dos anos 70 e 80, foram tempos complicados, principalmente sobre o que se passou no 27 de maio de 1977, e dado o historial de repressão do regime, não querem que os seus filhos e netos passem por isso novamente.

Essa preocupação é muito normal, pelo menos cá, em Angola. Família é família. Mas hoje, felizmente tenho apoio dos meus parentes e já se orgulham em dizer que são irmão, tios, primos ou sobrinhos do Flagelo Urbano (Sambala).

Já fomos muito marginalizados e vistos como desocupados, frustrados e perigosos. Mas hoje, felizmente a situação melhorou bastante, e inclusive políticos do governo e da oposição gostam da nossa cena, compram os cds e vão aos concertos. A sociedade dá ouvidos a nossa arte.

Pergunta: Sabendo que você é um artista que atua desde a década de 90. Como você vê a recepção a seu trabalho do pessoal daquela época e as pessoas da época atual?

Resposta: Olha, eu hoje tenho um público maior, e mais diversificado que nos anos 90 e princípios dos anos 2000. No princípio só os rappers é que ouviam a nossa cena. Só quem era do movimento ouvia e a cena girava em circuito fechado. Entendes? Hoje não. Temos um público muito diversificado, de vários estratos sociais. Antes era raro mulheres gostarem do nosso rap...hoje essa cena mudou radicalmente. Temos uma base de fãs do sexo oposto muito grande, compram os cds, vão aos concertos, etc. etc... advogadas, professoras universitárias, médicas, estudantes, deputadas, juízes e procuradoras, ouvem a nossa cena. Ligam para dizer dar apoio. Isso era impensável nos anos 90 e princípios de 2000.

Só para teres uma noção, as universidades de Angola fazem estudos literários da nossa música. Alunos apresentam como trabalho de final de curso temas sobre a nossa cena. Para vocês, aí no Brasil pode não ser grande coisa, mas para nós é muito importante, percebes? Antes as pessoas não queriam contacto, as nossas músicas não tocavam nas rádios públicas e TVs. Até as rádios privadas, se tivessem associadas ao regime não tocavam com medo de perder privilégios. Está tudo uma maravilha? Lógico que não! Ainda temos um longo caminho pela frente, mas devo dizer que muita coisa mudou para melhor.

Pergunta: O álbum “Entre o Tempo e a Memória” mostra de forma explícita a desigualdade social, podemos ver isso já no dialogo da introdução do seu trabalho. Como funcionou a produção deste projeto?

Resposta: O Ep Entre o Tempo e a Memória é um projeto que fiz em poucos meses. Foi o meu primeiro trabalho de originais, sendo que a ideia surgiu porque eu queria abordar aspectos relacionados com os anos de estrada que tinha no hip-hop, na altura e as memórias que vinha acumulando.

Pergunta: A introdução deste álbum foi a inspiração para todo o disco?

Resposta: Sim, foi... A introdução do álbum é uma entrevista que o Jornalista Sebastião Vemba, amigo meu, fez com o pessoal que teve as suas casas partidas pelo governo, pelo fato de terem construído em local proibido por lei. Houve a promessa de que seriam realojados em locais condignos. Mas o que se seguiu foi uma tristeza. O governo da província resolveu colocar esses moradores num outro local sem quaisquer condições e em situação humilhante. 5, 6 famílias em tendas, sem casas de banho, água, energia elétrica, sem escola, hospitais. Nada, absolutamente nada. O meu amigo mostrou-me a entrevista e a idéia partiu daí.

Pergunta: E fazendo comparação ao título do disco... Entre que tempo e que memórias se dá o relato do álbum?

Resposta: Sim. É essencialmente esse o caminho que o álbum seguiu.

Pergunta: Sabemos que a mídia tem um poder de comunicação muito forte com a sociedade. Em Angola, tem alguma emissora de tv ou rádio que abre esse espaço para artistas de intervenção social?

Resposta: Olha, a mídia aqui é quase toda controlada pelo regime, salvo algumas pequenas exceções. Se não forem rádios, jornais ou tvs públicas, mas que estão sob controle do sistema, então, ainda que sejam privadas são detidas por políticos e/ou empresários ligados ao regime. Podem dar algum espaço para os artistas mais alternativos, e com músicas de intervenção social, mas é para inglês ver.

Tentam dar a impressão de que há abertura, dando espaço para alguns artistas de intervenção, porque na verdade os que gozam de maior abertura na mídia são artistas mais leves, que cantam de festas, mulheres, famas, que fazem kuduro também têm muito espaço.

Pergunta: Você já teve seus trabalhos censurados em alguma emissora de tv e/ou rádio?

Resposta: Não, nunca tive. Eu faço rap há mais de 20 anos, e nunca fui à nenhuma emissora de TV. Já fui imensas vezes convidado na tv pública, mas recusei. É uma questão ideológica e de princípios. Se calhar um dia irei, mas por agora tenho recusado. Quanto as rádios, tenho ido algumas poucas, não deve ter chegado a 10, e felizmente nunca fui censurado nas rádios em que

decido dar entrevista. A minha música raramente toca nas rádios controladas pelo regime, e se tocar escolhem uma mais leve, cujo conteúdo não seja político e de crítica social.

Pergunta: Quem são suas referências musicais e como elas influenciam nas suas obras?

Resposta: Eu gosto imensamente do Bob Marley. Gosto também do Common, Black Thought, dos Roots, Dealema, Luaty Beirão, MCK, Nas, 2 pac e Racionais. Mas prefiro mais os Racionais do Vivendo no inferno, Holocausto Urbano, Chora agora e Ri depois. Mas para além desses existem outros que muito gosto e são de grande influência para a minha música. Bons artistas e boa música despertam sempre em nós a necessidade de sermos iguais ou melhores, e isso é combustível para nos superarmos todos os dias.

Pergunta: Fale um pouco sobre seu trabalho como palestrante e em específico com o tema “A genialidade do Pensamento Africano”.

Resposta: Foi uma experiência espetacular. Fui convidado pelo mano Isidro Fortunato, que é o fundador do Projeto Ubuntu para abordar este tema. Como afrocrata, afro-centrado e pesquisador nas áreas de história, literatura e filosofia africanas, pude partilhar com os presentes no evento a minha visão sobre o pluriverso africano, bem como o legado africano que foi roubado, sequestrado e atribuído indevidamente a outros povos. Fiz uma breve abordagem à questão racismo epistêmico e aquilo que a filósofa brasileira Suelly Carneiro chama de Epistemicídio. Falamos também um pouco sobre os feitos dos negros nas ciências, na arte, na literatura, desde Imotepe, Ptá-Hotep, Amenhotep e Amenemope, bem como Otis Boykin, Charles Drew, Gerald Lawson, etc, etc.

Pergunta: Qual a importância de fazer esse resgate histórico das origens do povo e como isso pode ajudar no desenvolvimento social da população?

Resposta: Marcus Garvey, dizia que “um povo sem o conhecimento da sua história, origem e cultura é como uma árvore sem raízes”. Veja que o negro sempre foi colocado na mão mais esquerda do espaço de fala e de contributo no desenvolvimento do pensamento pluriversal. Estudiosos eurocentristas sempre defenderam a ideia de que o negro era incapaz de criar, produzir conhecimento e ser intelectualmente equiparado aos brancos. Voltaire achava que a mestiçagem é uma anomalia, fruto da união escandalosa entre duas raças de homens totalmente distintas.

O filósofo Immanuel Kant, por exemplo, presença obrigatória nos currículos dos cursos de filosofia em todo mundo, entendia que os negros não possuem, por natureza, nenhum

sentimento que se eleve acima do ridículo. Os negros são muito vaidosos, mas à sua própria maneira, e tão matraqueadores, que se deve dispersá-los a paulada. Por sua vez, Hegel dizia que a inferioridade desses indivíduos, sob todos os aspectos, até mesmo o da estatura, é fácil de se reconhecer. Hegel acreditava que África não faz parte da história mundial; não tem nenhum movimento ou desenvolvimento e mesmo o Egito, ainda que esteja no norte da África, era uma transição do espírito humano do Oriente para o Ocidente, mas que não pertencia ao espírito africano.

O povo preto viveu cinco séculos acreditando nisso, a se ver como incapaz, inferior e ainda hoje a maior parte dos pretos pensa e acredita nisso. O resgate da nossa estória e historicidade é fundamental para ganharmos consciência e começarmos a ocupar o nosso lugar e traçar o nosso caminho sem que os brancos nos digam como devemos ser e viver.

Pergunta: Por essa entrevista se tratar de uma revista do Brasil, gostaria de saber se você conhece o rap brasileiro e quais as suas influências brasileiras.

Resposta: Mano, eu escuto muito rap brasileiro, mas fundamentalmente o pessoal da velha escola, como os Racionais, 509-E, GOG, SNJ, Fação Central, Renan Inquerito, que não é velha escola, mas é muito bom, Mossoró, MV Bill, Gabriel O Pensador, etc.

Pergunta: Em Angola, existe a atuação de todos os elementos de Hip Hop? Fale sobre alguns deles?

Resposta: Sim, existe sim. Temos o pessoal que faz o rap propriamente dito, ou Mcs, que é a maioria na cena, temos os manos Bboys, já tiveram muito apagado, mas agora estão em grande na cena. Tem havido inclusive apresentações e concursos. Temos Grafiteiros muito talentosos. Não em grande número, mas já há mais pessoas a pintar os muros e paredes. Quanto ao Djeying, temos um número muito reduzido, infelizmente. Mas independente dessas deficientes o movimento não pára.

Pergunta: O rap em Angola tem sido uma ferramenta colaborativa para informar a população sobre temas não falados pela história oficial? Como a educação e a mídia?

Resposta: Sim, nós usamos o rap para falar a verdade. O Rap é um instrumento de emancipação e só se emancipam as pessoas com base na verdade. A mentira aprisiona. O Rap tem sido um instrumento bastante eficaz para ajudar a reescrever, recontar e desconstruir fatos que até bem pouco tempo eram-nos apresentados como verdades absolutas e acabadas.

Pergunta: Sabendo que diversas pessoas já foram presas e assassinadas injustamente em seu país, por serem rappers e ativistas. Essa violência e injustiça, já fez você pensar em desistir desse ramo?

Resposta: Não! Nunca pensei em desistir... Já tive a sensação de não estar a dar o melhor de mim, de não estar a fazer bem o meu trabalho como artista, ativista e acadêmico, mas nunca pensei em desistir, pelo menos até hoje. Não sei o que o amanhã nos reserva.

